

Ass. Const.

O GLOBO

Esquerda, direita, centro. Os blocos vão todos se misturando

LUÍS CARLOS LANZETTA

BRASÍLIA — Vai ser a hora da verdade para os partidos não-ideológicos brasileiros. O terço de armas dos interesses regionais, de classes, particulares, religiosos, econômicos, entre outros, friccionará as ideologias entre e — principalmente — no interior dos partidos, no plenário da Constituinte. As siglas, na análise generalizada, desaparecerão, dando lugar a blocos mutantes de interesses, dependendo do tema em pauta. Como serão formados esses blocos? A resposta para esta questão significa traçar linhas de matizes tão diferentes quanto o espectro social do País, criando o mais colorido e surpreendente tecido político já aparecido nas últimas estações.



E nem é necessário sair do interior do partido maior — o PMDB — para se ter uma idéia clara das conseqüências dos estragos que as contradições constituintes farão nessas frentes eleitorais, regionais e, até, ideológicas.

Como reagirão frentes como essas — as outras são mais restritas — em relação ao regime político (Presidencialismo ou Parlamentarismo?), à participação do Estado na economia, à política para a área social, ao papel das Forças Armadas, ao planejamento familiar, à reforma agrária, aos sindicatos? Muitos constituintes acreditam que os partidos não sairão da forma como entram nesta batalha. Outros acham que não haverá grandes transformações. Mas todos concordam que as atuais estruturas partidárias, se não forem afetadas de todo, estarão seriamente abaladas, precisando de reparos para os embates futuros.

Mais interessante que a saúde a médio prazo dos partidos é a formação dos blocos de interesse que serão formados. Na convocação da Constituinte, em 1985, já houve um exemplo disso: o arquiconservador Bonifácio de Andrada, do PDS, uniu-se ao revolucionário comunista José Genoíno, do PT, na defesa intransigente de uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva.

Essas alianças, daqui para a frente, até a promulgação do texto final, não serão mais surpresas. O Senador e sociólogo Fernando Henrique Cardoso, do PMDB, prevê a formação de quatro blocos básicos, que se ajustarão circunstancialmente, dependendo do capítulo da Constituinte

ção a ser examinada. Serão os progressistas arcaicos, os progressistas modernos, os conservadores arcaicos e os conservadores modernos. Esta divisão feita pelo Senador pode ser temperada com os seguintes ingredientes: os marxistas, os aristocratas rurais, os capitalistas nacionalistas, os defensores do capital financeiro internacional, os religiosos, os sindicalistas, os ecologistas, as feministas, os arrivistas, os indefinidos e por aí fora. Eles estão em quase todos os partidos. O PT é uma frente menor, mas tem de materialista radical a católico radical. Os mais nítidos perfis ideológicos são os dos camaradas dos PCs. Porém, eles querem alianças amplas para não ficarem isolados, em minoria absoluta. Aliás, prática que tem sido corriqueira na existência deles.

Fernando Henrique acredita que a figura do partido não sumirá de todo durante a Constituinte. Haverá a tentativa de buscar uma homogeneidade de comportamento das bancadas. Tarefa inglória, para ele, candidato a Líder da sua. A predominância — de acordo com os mais diversos interesses — será a formação dos grupos. Dentro das diferentes concepções ideológicas, aparecerão transparentes "quem percebeu e quem não percebeu que o mundo mudou": os arcaicos e os modernos, segundo Fernando Henrique.

Direita, centro, esquerda. Esse esquema clássico é o que vai funcionar, para o Deputado Antônio Konder Reis, do PDS. Nas questões

processuais, sublinha ele, os partidos deverão estar ativos. Porém, nos temas mais substantivos, "a Assembléia vai se dividir em função das questões ideológicas ou programáticas". Tanto o PCB como o PC do B apostam na formação de frentes para conquistar espaços na sociedade e aprofundar os debates sobre a sociedade e economia na Constituinte.

Aldo Arantes, formalmente no PMDB e informalmente no PC do B, propõe dois tipos de atuação. Um deles, na Constituinte, com a formação de uma frente popular e democrática, reunindo os partidos de esquerda, as facções avançadas de outros partidos e os indefinidos. Do lado de fora, numa forma paralela de articulação, a criação de plenárias populares para pressionar a Constituinte.

— As classes dominantes se articularam com competência e poder de dinheiro antes da eleição e asseguraram uma representação majoritária de centro direita e centro — diz Arantes. "Hoje, temos que criar um novo espectro de forças democráticas populares, formal ou informal".

O bloco das esquerdas é minoritário. Por isso, Roberto Freire, do PCB, acha que a estratégia é a formação de uma frente democrática.

— Nenhum grupo de esquerda pensa em conseguir uma Constituinte socialista. Mas fazer um Brasil mais democrático é algo viável — diz o Deputado. Para atingir isso, lembra, é necessária a atração de

grupos e partidos com afinidades ideológicas em pontos principais, como a política econômica e social, por exemplo.

Nessa linha, até o PT topa acordos. O sociólogo e Deputado Florestan Fernandes admite composições para resolver problemas, movidas por motivos ideológicos e políticos que interessem ao partido. "O PT tem interesses de classe a defender", afirma. Mas ele ressalva que "nessas composições pode surgir gente que apóia questões por motivos não ideológicos". Para Florestan Fernandes, apesar das frentes, não é fundamental que os trabalhadores sejam maioria:

— O importante é a luta de classes, as fricções que vão crescer.

O Deputado Antônio Brito, do PMDB, é o outro do termo "grupos mutantes" para definir as frentes de interesses que se formarão.

— O quadro não pode ser congelado. Haverá a formação de vários eixos informais de votação, conforme o caso — assegura.

Ao contrário de Aldo Arantes, que acredita numa reforma partidária logo após a Constituinte — "ninguém sairá como entrou" —, Brito acha muito difícil uma alteração profunda no quadro partidário brasileiro, com base ideológica, devido à sua estruturação predominantemente em bases municipais.

Fernando Henrique Cardoso leva mais longe a questão. A formação dos partidos atuais é o retrato da estruturação complexa e atípica da sociedade brasileira. "Eleição é uma coisa, comportamento parlamentar é outra. O voto, no Brasil, não carrega uma idéia", afirma.

Com a experiência de Relator da Constituição de 1967, o Deputado Konder Reis é descrente quanto a alterações partidárias depois da Constituinte.

— É possível a alteração do quadro partidário, como reflexo dos trabalhos da Constituinte. Mas não é provável — frisa o Deputado.

Konder Reis acredita em composições temporárias e habilidosas, tanto no quadro partidário quanto nas questões constitucionais mais explosivas. Para ilustrar sua crença, cita um episódio da retirada de Laguna, durante a Guerra dos Farrapos:

— Diante de uma pessoa morta, discursou um materialista: "Morreu, etc e tal". O orador seguinte foi um espírito: "Não morreu, seu espírito vive, etc e tal". O terceiro, o melhor deles, arrematou: "Se está morta, enterrem-na. Se não está, levem-na para casa".

Contemporizar situações como essa é o trabalho dos Constituintes, garante, com sua experiência.